



Psicologia: Reflexão e Crítica

ISSN: 0102-7972

prcrev@ufrgs.br

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Brasil

Marturano, Edna Maria; Ferreira Trivellato, Marlene de Cássia
Ambiente Familiar e os Problemas do Comportamento apresentados por Crianças com Baixo
Desempenho Escolar
Psicologia: Reflexão e Crítica, vol. 15, núm. 1, 2002
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Porto Alegre, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=18815105>

- ▶ Como citar este artigo
- ▶ Número completo
- ▶ Mais artigos
- ▶ Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe , Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Ambiente Familiar e os Problemas do Comportamento apresentados por Crianças com Baixo Desempenho Escolar

Marlene de Cássia Trivellato Ferreira

Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto

Edna Maria Marturano^{1,2}

Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto

Resumo

Comportamentos externalizantes freqüentemente se desenvolvem em contextos de adversidade ambiental. O objetivo deste estudo foi documentar essa associação em crianças com desempenho escolar pobre. Participaram meninos e meninas, ambos entre sete e 11 anos, referidos para atendimento por dificuldades escolares. De um universo de 141 crianças, foram formados dois grupos com base na pontuação da Escala Comportamental Infantil: G1 (crianças sem problema de comportamento, $n=30$) e G2 (crianças com problema de comportamento, $n=37$). As mães foram entrevistadas, obtendo-se informações sobre as adversidades do ambiente familiar. Os resultados indicaram que o ambiente familiar de G2 apresenta mais adversidade, incluindo problemas nas relações interpessoais, falhas parentais quanto a supervisão, monitoramento e apoio, e indícios de menor investimento dos pais no desenvolvimento da criança, práticas punitivas e modelos de difícil adaptação. As dificuldades escolares aumentam a vulnerabilidade da criança para inadaptação psicosocial. Enfatiza-se a importância de incluir a família em intervenções preventivas voltadas para essa clientela.

Palavras-chave: Ambiente familiar; comportamentos externalizantes; desempenho escolar; criança.

Home Environment and Behavior Problems presented by School Underachieving Children

Abstract

Externalizing behaviors frequently develop in adverse environments. The aim of this study was to document this association in children presenting academic underachievement. Participants were both boys and girls, aged seven to eleven years, referred for psychological treatment by virtue of school underachievement. From a universe of 141 children, two groups were formed based on scores in the Child Behavior Scale: G1 (children without behavior problems, $n=30$) and G2 (children with behavior problems, $n=37$). Mothers were interviewed to obtain data about environment resources and adversities. Results indicated that children from G2 live at homes with fewer resources and more adversities, presenting poor relationships, poor parent supervision, monitoring and supporting, lower parent involvement with child, punitive practices and aggressive adult models. The school difficulties raise the child's vulnerability to maladjustment. The family in preventive interventions directed to these children is emphasized.

Keywords: Home environment; externalizing behaviors; school achievement; child.

Comportamentos marcados por hiperatividade, impulsividade, oposição, agressão, desafio e manifestações anti-sociais são classificados como externalizantes, em oposição a padrões de comportamento internalizantes – disforia, retraimento, medo e ansiedade. Os problemas externalizantes tendem a ser mais estáveis que os internalizantes, e têm consequências mais graves para a criança, tanto para os pais, irmãos, professores e amigos quanto para a comunidade. Essas crianças estão em risco de desenvolver problemas de saúde mental ao longo da vida.

Fergusson, Lynskey & Horwood (1992) sugerem que as crianças com comportamentos externalizantes, que vivem em ambientes socialmente desvantajosos, têm maior risco de desenvolver problemas de saúde mental ao longo da vida. Ainda assim, a maioria dessas crianças não desenvolve problemas de saúde mental ao longo da vida. Isso sugere que fatores genéticos e ambientais interagem para determinar o risco de desenvolver problemas de saúde mental. Ainda assim, a maioria dessas crianças não desenvolve problemas de saúde mental ao longo da vida. Isso sugere que fatores genéticos e ambientais interagem para determinar o risco de desenvolver problemas de saúde mental.

cuidadores e seu contexto social/ecológico (Olson & cols., 2000). Nessas trocas, o ambiente familiar apresenta práticas de socialização violentas, exposição a modelos adultos agressivos, falta de afeto materno e conflitos entre os pais (Blanz, Schmidt, & Günther, 1991; Dodge, Pettit & Bates, 1994; Ramsey, Shinn, Walker & O'Neill, 1989; Shaw e Emery, 1988; Vuchinich, Bank & Patterson, 1992). Tais práticas, por sua vez, estão freqüentemente associadas a um contexto social adverso, marcado por dificuldade econômica e estressores psicossociais incidindo sobre a família (McLoyd, 1998).

Variáveis familiares podem contribuir para a persistência dos problemas da fase pré-escolar à escolar (Denham & cols., 2000) e da meninice à adolescência (Fergusson & cols., 1996). Pesquisas recentes sugerem que, embora o envolvimento do adolescente em atividades anti-sociais seja influenciado significativamente por seus relacionamentos com companheiros anti-sociais, a cadeia de eventos que conduz muitos adolescentes para grupos anti-sociais começa no lar, durante a meninice; os elos nessa cadeia incluem práticas educativas coercitivas e punitivas, que contribuem para o desenvolvimento de agressão e fracasso escolar; estes, por sua vez, levam à seleção de companheiros anti-sociais (Collins, Maccoby, Steinberg, Hetherington & Bornstein, 2000).

Crianças com desempenho escolar pobre freqüentemente apresentam problemas de comportamento externalizantes (Graminha, 1992; Hinshaw, 1992; Santos, 1990). Nos primeiros anos da escola elementar, manifestações internalizantes também são comuns (Thompson, Lampron, Johnson & Eckstein, 1990), mas prevalecem sinais de hiperatividade e impulsividade (Hinshaw, 1992). Pesquisas têm demonstrado que os problemas externalizantes comumente antecedem as dificuldades escolares e podem ser exacerbados por estas (McGee, Willians, Share, Anderson & Silva, 1986; Parreira, 1995). Quando as dificuldades interpessoais já estão presentes nessa fase, é maior o risco de persistência dos problemas (Denham e

de atendimento psicológico para crianças de saúde e nas clínicas-escola de Psicólogos Silvares, 1994; Sales, 1989; Santos 1996 compararam crianças cujas famílias buscavam psicológica para as dificuldades escolares intensidade dos problemas de comportamento maiores no grupo que buscou atendimento (Linhares, Loureiro & Machado, 1997). Esse resultado que a co-ocorrência de problemas de comportamento e baixo desempenho na escola pode ser fatores responsáveis pela elevada demanda por serviços de saúde mental.

Considerando que comportamento com componentes anti-sociais, com práticas freqüentemente estão associados à adversidade, a investigação relatada neste artigo focou-se em crianças referidas para atendimento de razão de dificuldades no aprendizado e que caracterizam seu ambiente de desenvolvimento. Foi conduzido no pressuposto de que as condições ambientais associadas ao comportamento nessa população clínica, para a definição de estratégias preventivas, para a capacitação do psicólogo para o atendimento da clientela escolar dos serviços de saúde mental, específico é investigar, em crianças com desempenho escolar, a associação entre comportamento e características do ambiente. Para alcançar o objetivo, emprega-se uma estratégia de comparação entre grupos constituídos por crianças com e sem a mesma presença ou ausência dos indicadores de risco.

Na seleção de variáveis ambientais, portanto aquelas adversas, que contribuem para quando presentes em alto grau, como o cujo efeito é atenuador. Entre as circunstâncias encontram as práticas parentais punitivas bem como os conflitos familiares; e

incidem sobre a família, afetando as práticas e o envolvimento parental (transições familiares; pobreza); e aquelas que sinalizam processos transacionais, com participação ativa da criança na origem dos acontecimentos, tais como conflitos entre a criança e os pais e incidentes disciplinares na escola (Ackerman e cols., 1999; Patterson, DeBaryshe e Ramsey, 1989; Rutter, 1987).

Método

Participantes

Os participantes foram selecionados de uma amostra de 141 crianças de ambos os sexos, atendidas consecutivamente em uma clínica de Psicologia vinculada a um hospital universitário no período de julho de 1996 a março de 1999. Todas haviam sido encaminhadas, através

de referência do Sistema Único de Saúde, pelo motivo de encaminhamento ou indicação.

Segundo critérios expostos anteriormente, foram formados dois grupos a partir da amostra: Grupo 1 (G1)-crianças sem problema de comportamento ($n=30$); Grupo 2 (G2)-crianças com problema de comportamento ($n=37$). A Tabela 1 apresenta um resumo das características quanto a sexo, idade, escolaridade da criança e dos pais e jornada de trabalho da mãe.

Os dados referentes à carência de escolaridade da criança foram submetidos a análise estatística de variância (ANOVA) e Qui-quadrado para a variável sexo. As demais variáveis, exceptuando a jornada de trabalho da mãe, foram analisadas para verificar a existência de diferença significativa entre os grupos apontados para a escolaridade da criança ($t = 2,89$; $p < 0,01$), idade ($t = 2,89$; $p < 0,01$), sexo ($\chi^2 = 1,33$; $p > 0,05$) e nível de escolaridade da mãe ($\chi^2 = 0,00$; $p > 0,05$).

Tabela 1. Dados dos Participantes do Grupo 1 ($n=30$) e do Grupo 2 ($n=37$) quanto à Escolaridade da Criança e dos Pais e Jornada de Trabalho da Mãe

	Variável	Grupo 1
Sexo	masc.	63
	fem.	37
Idade	7 – 8	43
	9 – 10	43
	11	14
Série	pré-escola	3
	1 ^a	33
	2 ^a – 3 ^a	64
Escolaridade da mãe	analfabeta	6
	1 – 4 anos	27
	5 – 8 anos	40

Local

A investigação foi conduzida em uma clínica-escola cuja proposta de atendimento à clientela com dificuldades escolares focaliza os recursos da criança e da família, no sentido de identificá-los e mobilizá-los para enfrentamento dos problemas em curso.

Instrumentos, Variáveis e Medidas

Para composição dos grupos foi utilizada a Escala Comportamental Infantil A2 de Rutter (ECI), versão para pais, publicada em 1967 e adaptada por Graminha (1994), que relata uma fidelegibilidade teste-reteste aceitável para 97% dos itens da escala. A variável *problema de comportamento* foi operacionalizada através da combinação de dois critérios, com base nos escores da ECI: 1) escore maior que 16, caracterizando necessidade de apoio profissional na visão dos pais (Graminha & Coelho, 1994); 2) indicação de problema de conduta, correspondente à média de sete itens: “Fica mau humorado e nervoso (isto é, fica irritado, grita e perde completamente o humor)”; “Ele costuma roubar ou então pegar coisas dos outros às escondidas”; “Briga freqüentemente ou é extremamente briguento com outras crianças”; “Não é uma criança muito querida pelas outras crianças”; “Muitas vezes fala mentira”; “Maltrata as outras crianças”; “Fala palavrões, nomes feios” (Goodman, 1997; McGee e cols., 1985). Os critérios combinados para inclusão nos grupos foram:

Inclusão em G1: Crianças sem problemas de comportamento: escore total na ECI igual ou inferior a 16 e escore de *problema de conduta* situado no limite ou abaixo do percentil 25 da amostra total.

Inclusão em G2: Crianças com problemas de comportamento: escore total na ECI superior a 16 e escore de *problema de conduta* situado no limite ou acima do percentil 75 da amostra total.

Para a investigação de características do ambiente familiar foram empregados os seguintes instrumentos, descritos em detalhe por Santos (1999):

Entrevista Familiar sobre Criança (EFC).

aplicações consecutivas do roteiro, con-

Escala de Eventos Adversos (EEA): É um instrumento composto por 14 ítems descritivos de eventos adversos que ocorridos nos últimos 12 meses ou anteriores ao nascimento da criança. Atribui-se um ponto para a ocorrência passada e um ponto para a ocorrência passada. O escore em cada item pode variar de zero a três, total, de zero a 72. Um estudo de fidelegibilidade teste-reteste com três aplicações feitas com 20 dias de intervalo mostrou índices de 100%, 97% e 94% de estabilidade.

Inventário de Recursos do Ambiente Familiar (RAF): É um instrumento composto de 14 tópicos. O número de ítems que compõem cada tópico são variados. A soma dos pontos obtidos em cada tópico é a soma dos pontos obtidos pelo número de ítems que compõem cada tópico. O escore total corresponde à soma dos pontos obtidos nos 14 tópicos do RAF. Através desse instrumento é possível obter resultados semelhantes ao utilizado para a EEA, fornecendo resultados de 100%, 99% e 92% de estabilidade. As aplicações feitas com 20 dias de intervalo (Santos, 1999) mostraram resultados semelhantes à EEA como o RAF foram desenvolvidos (Santos, 1999).

As variáveis ambientais incluídas no RAF são derivadas dos três instrumentos anteriores. O RAF compõe-se de oito medidas de recursos e de circunstâncias adversas e dois indicadores socioeconômicos. Do RAF foram derivados os seguintes instrumentos: 1) *Supervisão dos pais* (tópicos Atividades da casa, Supervisão para a escola, Atividades de lazer e tempo livre); 2) *Envolvimento e suporte social* (tópicos Passeios, Oferta de brinquedos e outras atividades, Promotores do desenvolvimento, Atividades de lazer e tempo livre); 3) *Indicador sócioeconômico* (tópicos Condições de vida, Condições de trabalho, Condições de saúde).

financeiro”, “Perda de emprego do pai ou da mãe”, “Mãe passou a trabalhar fora”. Os indicadores de adversidade parental incluíram: 1) *Adversidade nas relações parentais* (soma dos itens “Conflitos entre os pais”, “Separação temporária dos pais”, “Divórcio dos pais”, “Abandono do lar pelo pai ou pela mãe”, “Recasamento da mãe”, “Litígio judicial entre os pais”); 2) *Adversidade associada a condutas parentais* (soma dos itens “Alcoolismo/drogadição parental”, “Envolvimento parental com a polícia ou a justiça”). O indicador de *outras adversidades familiares* foi obtido pela soma dos itens “Doença grave do pai ou da mãe”, “Morte do pai ou da mãe”, “Nascimento de um irmão”, “Doença grave/hospitalização de um irmão”, “Morte de um avô ou avó”, “Gravidez de irmã solteira”, “Abandono do lar por um irmão”. As medidas de adversidade incidindo diretamente sobre a criança foram: 1) *Eventos adversos na vida pessoal* (soma dos itens “Hospitalização ou enfermidade grave da criança”, “Acidente com seqüela”, “Morte de amigo”); 2) *Eventos adversos na vida escolar* (soma dos itens “Mudança de escola”, “Repetência”, “Mais de uma troca de professora no mesmo ano letivo”); 3) *Problemas nas relações interpessoais* (soma dos itens “O relacionamento com os companheiros piorou”, “A criança sofreu agressão por parte da professora”, “A criança foi suspensa da escola”).

A EEQ forneceu quatro indicadores de adversidade, correspondendo cada um à soma dos itens indicados entre parênteses: *Condições adversas pessoais da mãe* (sobrecarga de afazeres/tensões diárias, falha no suporte do cônjuge, interferência de familiares na criação dos filhos, autodepreciação, culpa); *Práticas educativas inadequadas* (ameaça, punição, superproteção, permissividade, restritividade, insegurança, discordância entre os pais); *Problemas no relacionamento pais-criança* (agressão física, agressão verbal, tratamento rude, conflitos, relacionamento distante, depreciação, indiferença/rejeição); *Adversidade extrafamiliar* (vizinhança de risco, depreciação extrafamiliar, agressão

psicologia clínica e experiência de vida de crianças de dez anos. Todos passaram por treinamento para aplicação dos instrumentos.

Os resultados obtidos mostraram que a avaliação do ambiente familiar pode ser realizada através do teste *t* de Student, que é mais sensível em itens com formato de escala Likert, e o Teste de Intervalo de Cochrane-Mantel-Haenszel entre Proporções. Foi considerado que o resultado com probabilidade menor que 0,05 era estatisticamente significativo. Dada a assimetria por sexo das variáveis de interesse preliminares foram conduzidas análises univariadas e recomendariam incluir esta variável no modelo.

Resultados

A comparação entre sexos, através da análise de variâncias, detectou diferença em apenas duas variáveis: tensões diárias com horário definido, que no grupo feminino teve média mais alta que no masculino. Problemas nas relações interpessoais entre pais do grupo masculino foi maior que no feminino ($p < 0,01$). Considerando que são variáveis que não foram analisadas foram conduzidas análises univariadas.

Os resultados da análise de variâncias, que foram fornecidos pelo Inventário de Ambiente Familiar são apresentados na Tabela 1.

Os grupos apresentaram diferenças entre si em todos os escores totais do RAF, tanto quanto em suas dimensões econômico, assim como no escore total da dimensão social. No tópico *passeios, atividades comunitárias*, a diferença entre pais no lar, pessoas a quem a criança se dirige, pessoas que dão conselho, oferta de brinquedos e apoio ao desenvolvimento. Em todas as dimensões, os escores de G1 foram maiores que as médias de G2. As diferenças de Confiança para Diferenças entre os grupos foram sempre diferenças significativas em algumas dimensões, mas não em todas. Para cada tópico, indicando que m

Tabela 2. Resultados da Análise Estatística do Inventário de Recursos do Ambiente Familiar (Teste t)

Tópico	Médias	
	G1	G2
Supervisão dos pais:		
Atividades da criança quando não está na escola	0,59	0,50
Arranjo espaço-temporal para a lição de casa	0,55	0,52
Supervisão para a escola	0,33	0,34
Atividades diárias com horário definido	0,64	0,54
Envolvimento e suporte dos pais:		
Passeios	0,52	0,38
Atividades compartilhadas com os pais no lar	0,68	0,58
Oferta de brinquedos e outros materiais promotores de desenvolvimento	0,59	0,38
Pessoas a quem a crianças recorre para pedir ajuda ou conselho	0,54	0,41
Indicador sócio-econômico		
	0,49	0,32
Escore total no RAF (média de 14 módulos)	6,34	5,30

a $p < 0,05$ b $p < 0,01$ c $p < 0,001$

Tabela 3. Resultados da Análise Estatística da Escala de Eventos Adversos (Teste t de Student)

Sub-escala	Médias	
	G1	G2
Instabilidade financeira	2,03	2,35
Adversidade nas relações parentais	0,93	1,76
Adversidade associada a condutas parentais	0,57	0,70
Outras adversidades familiares	1,50	1,84
Eventos adversos na vida pessoal	0,37	1,08
Eventos adversos na vida escolar	2,07	3,19
Problemas nas relações interpessoais	0,20	1,03
Escore total na EEA	9,17	13,54

a $p < 0,05$ b $p < 0,01$

de adversidades presentes no ambiente familiar: G2, grupo com problemas de comportamento, apresentou mais situações de adversidade em seu ambiente familiar que G1, grupo sem problema de comportamento. Esse resultado e os dados relativos a cada classe de adversidade ambiental são apresentados na Tabela 4.

Foi encontrada diferença significativa entre os dois grupos nos indicadores de práticas educativas inadequadas e problemas no relacionamento pais-criança, onde as médias de G2 foram maiores que as de G1.

Tabela 4. Resultados da Análise Estatística dos Dados Derivados da Escala de Esclarecimento da Queixa, Referentes a Adversidades do Ambiente Familiar (Teste T)

Classe de adversidade	Médias	
	G1	G2
Condições adversas incidindo sobre a mãe	0,50	0,73
Adversidade extrafamiliar	0,23	0,32
Práticas educativas inadequadas	0,80	1,24
Problemas no relacionamento pais-criança	0,57	1,38
Total de adversidades	5,60	8,70

a $p < 0,05$ b $p < 0,01$

Aplicando-se o Teste de Intervalo de Confiança para Diferenças entre Proporções, verificou-se em G2 maior incidência dos seguintes indicadores extraídos da EEQ: agressão física à criança; ameaça; relacionamento distante entre os pais e a criança; conflitos entre os pais e a criança. O item superproteção apareceu com maior incidência em G1.

Discussão

O presente trabalho teve como objetivo documentar, em crianças com queixa de dificuldade de aprendizagem, associações entre problemas de comportamento e variáveis do ambiente familiar. A pesquisa se definiu através de duas características principais. Em primeiro

comparação entre grupos sócio-econômicos e suas relações de co-ocorrência, processos compatíveis com a vulnerabilidade ambiental mencionadas.

Em relação aos efeitos da vulnerabilidade ambiental sobre o desenvolvimento (Sameroff e cols., 1993), foram consistentes de desvantagem no comportamento: os escores totais utilizados diferenciaram os grupos.

sugerindo que o grupo com problema de comportamento tem seu ambiente de desenvolvimento mais desfavorável, seja pelo menor acesso a recursos ou por maior exposição a circunstâncias adversas.

Os resultados relativos ao ambiente familiar mostram que essa desvantagem, que envolve diferentes setores da vida familiar e que pode ter impacto sobre a criança, foi detectado em ambientes com adversidades, com probabilidade de maior vulnerabilidade pessoal e social. As hospitalizações recorrentes (Ribeiro, 1997) e as hospitalizações ou doenças graves entre os irmãos, maior no grupo com problema de comportamento, sugere que estes ambientes apresentam condições de vida adversas.

nas interações familiares envolvendo diretamente a criança, expressas nas oportunidades de convivência entre a criança e seus pais, no suporte para enfrentamento dos problemas cotidianos e no envolvimento dos pais em atividades facilitadoras do desenvolvimento. Na organização das rotinas domésticas as diferenças entre os grupos são menos pronunciadas, porém há sinais de que as necessidades da criança são levadas mais em conta no grupo sem problemas, onde há maior monitoração do uso do tempo livre e supervisão do estudo.

Os resultados relativos a práticas educativas, indicando maior uso de ameaça no grupo com problemas e mais proteção no grupo sem problemas de comportamento, são sintomáticos de estilos parentais distintos. Nas famílias de crianças com problemas o que sobressai são as interações negativas, provavelmente associadas às manifestações externalizantes da criança, sinalizando um estilo parental reativo. Já os pais de crianças sem problemas de comportamento parecem ter uma abordagem proativa: eles organizam e planejam mais o cotidiano das crianças, estão mais disponíveis para ajuda e se ocupam mais com providências relativas ao estudo e ao lazer, parecendo mais preocupados com a segurança dos filhos. Esse perfil tem diversos ingredientes da chamada abordagem apoiadora nos cuidados parentais, cujos efeitos benéficos sobre o ajustamento da criança foram demonstrados recentemente, tanto através de ação direta como de mecanismos protetores frente à adversidade familiar (Pettit, Bates & Dodge, 1997).

Nos resultados há indícios indiretos de processos compatíveis com o modelo transacional e multifatorial, que postula o desenvolvimento como resultante das interações entre a criança e seus cuidadores, no contexto das condições ambientais que afetam o funcionamento da família (Olson & cols., 2000). Quanto ao contexto, os grupos diferem no indicador sócio-econômico, apontando menos recursos no grupo com problemas de comportamento. Esse resultado é corroborado pelos dados de income à renda familiar, que aponta um menor

modelos adultos agressivos e estressores na família, ingredientes encontrados com maior intensidade na presente investigação, entre as crianças com problemas de comportamento.

Os processos transacionais, presentes na interação entre a criança e seus cuidadores, são aqueles resultados que mostram diferenças entre os grupos em eventos e situações envolvendo a atividade da criança: relacionamento com os pais, nas relações interpessoais. As crianças com problemas de comportamento sofrem mais agressões来自其父母, seu relacionamento com os pais é mais frequentemente como distante ou envolto em conflito, e elas recebem mais suspensão na escola e expulsão. Com os companheiros também estão presentes

Os resultados encontrados têm implicações para o atendimento psicológico às crianças encaminhadas para clínicas de saúde e às clínicas-escola de psicologia, visando a melhoria do processo de aprendizagem. A mais imediata é que, entre as crianças com problemas de comportamento, há um segmento em alto risco para distúrbios de personalidade na adolescência, por apresentar problemas de socialização e componentes anti-sociais, em ambiente familiar de alta vulnerabilidade, por adversidade múltipla. Em um modelo de desenvolvimento e trajetória de desenvolvimento, a trajetória de desenvolvimento desses indivíduos já inclui fatores de risco, como vulnerabilidade intermediária, mecanismos de vulnerabilidade, fracasso escolar, problemas nas relações interpessoais, falhas parentais na supervisão, no monitoramento e suporte, investimento pobre dos pais no desenvolvimento da criança, práticas punitivas e modelos anti-sociais. Em uma perspectiva ecológica, todos esses fatores são fatores significativos para seu desenvolvimento, parecendo afetados: o lar, a escola e o grupo social.

Assim, o atendimento a essas crianças deve ser circunscrito às questões escolares. Como é recomendado na literatura sobre prevenção de problemas de comportamento (Conduct Problems Prevention Research Group, 2000), há necessidade de implementar programas de intervenção e apoio à família, que visem a reduzir os riscos e promover os recursos para o desenvolvimento saudável das crianças.

- Blanz, B., Schmidt, M. H. & Günther, E. (1991). Familial adversities and child psychiatric disorders. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 32, 939-950.
- Collins, W. A., Maccoby, E. E., Steinberg, L., Hetherington, E. M. & Bornstein, M. H. (2000). Contemporary research on parenting: The case for nature and nurture. *American Psychologist*, 55, 218-232.
- Conduct Problems Prevention Research Group (2000). Merging universal and indicated prevention programs: The Fast Track Model. *Addictive Behaviors*, 25, 913-927.
- Conger, R. D., Conger, K. J., Elder Jr., G. H., Lorenz, F. O., Simons, R. L. & Whitbeck, L. B. (1992). A family process model of economic hardship and adjustment of early adolescent boys. *Child Development*, 63, 526-541.
- Denham, S. A., Workman, E., Cole, P. M., Weissbrod, D., Kendziora, W. T. & Zahn-Waxler, C. (2000). Prediction of externalizing behavior problems from early to middle childhood: The role of parental socialization and emotion expression. *Development and Psychopathology*, 12, 23-45.
- Dodge, D. M., Pettit, G. S. & Bates, J. E. (1994). Socialization mediators of the relation between socioeconomic status and child conduct problems. *Child Development*, 65, 649-665.
- Esser, G., Schmidt, M. H. & Woerner, W. (1990). Epidemiology and course of psychiatric disorders in school-age children: Results of a longitudinal study. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 31, 243-263.
- Fergusson, D. M., Lynskey, M. T. & Horwood, L. J. (1996). Factors associated with continuity and changes in disruptive behavior patterns between childhood and adolescence. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 24, 533-553.
- Gest, S. D., Neemann, J., Hubbard, J. J., Masten, A. S. & Tellegen, A. (1993). Parenting quality, adversity, and conduct problems in adolescence: Testing process-oriented models of resilience. *Development and Psychopathology*, 5, 663-682.
- Goodman, R. (1997). The strengths and difficulties questionnaire: A research note. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 38, 581-586.
- Graminha, S. V. (1992). Problemas emocionais/comportamentais e nível de escolaridade da criança [Resumo]. Em Sociedade Brasileira de Psicologia (Org.), *Comunicações Científicas da XXII Reunião Anual de Psicologia* (p. 22). Ribeirão Preto, SP: SBP.
- Graminha, S. V. (1994). A Escala Comportamental Infantil de Rutter A2: Estudos de adaptação e fidedignidade. *Estudos de Psicologia*, 11, 34-42.
- Graminha, S. V. & Coelho, W. F. (1994). Problemas emocionais/comportamentais em crianças que necessitam ou não de atendimento psicológico ou psiquiátrico [Resumo]. Em Sociedade Brasileira de Psicologia (Org.), *Comunicações Científicas da XXIV Reunião Anual de Psicologia* (p. 263). Ribeirão Preto, SP: SBP.
- Hinshaw, S. P. (1992). Externalizing behavior problems and academic underachievement in childhood and adolescence: causal relationships and underlying mechanisms. *Psychological Bulletin*, 111, 127-155.
- Institute of Medicine (Org) (1994). *Reducing risks for mental disorders: frontiers*.
- McGee, R., Williams, S., Bradshaw, J., Chisholm, D. & Hinde, A. (1985). The Rutter Scale completed by mothers of 11-year-olds and relationships with cognitive and behavioural outcomes. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 26, 727-739.
- McGee, R., Williams, S., Share, D. L., Achenbach, T. M. & Hinde, A. (1989). The relationship between specific reading retardation, backwardness and behavioural problems in 11-year-old boys: A longitudinal study from four countries. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 27, 597-611.
- McLoyd, V. C. (1998). Socioeconomic conditions and child development. *American Psychologist*, 53, 185-204.
- Olson, S. L., Bates, J. E., Sandy, J. M. & Patterson, G. R. (1990). Mental precursors of externalizing behavior problems in adolescence. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 18, 111-125.
- Parreira, V. L. C. (1995). *Problemas de comportamento e aprendizagem escolar, segundo o relatório da Pesquisa de Aprendizagem da rede estadual de ensino de São Paulo*. Ribeirão Preto, SP: Unesp.
- Patterson, G. R., DeBaryshe, B. D. & Dishion, T. J. (1992). A social learning perspective on antisocial behavior. *Annual Review of Psychology*, 43, 351-393.
- Pettit, G. S., Bates, J. E. & Dodge, K. A. (1997). The social context, social logical context, and children's adjustment to school. *Child Development*, 68, 908-923.
- Ramsey, E., Shinn, M., Walker, H. M. & Hinde, A. (1992). School management practices and school adjustment of 11-year-old boys. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 20, 513-525.
- Rutter, M. (1977). Separation, loss and bereavement. In J. Stevenson-Hinde & L. Hervor (Orgs.), *Child psychiatry*: A guide to research and clinical practice. London: Blackwell.
- Rutter, M. (1987). Psychosocial resilience and protective factors. *American Journal of Orthopsychiatry*, 57, 390-402.
- Sales, J. R. (1989). Estudo sobre a classificação das síndromes de Varginha. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 9, 11-18.
- Sameroff, A. J., Sameroff, R., Baldwin, A. & Hinde, A. (1992). Intelligence from preschool to adolescence: The role of genetic and family risk factors. *Child Development*, 63, 101-117.
- Santos, L. C. (1999). *Crianças com dificuldades de aprendizagem*. Dissertação de Mestrado não-publicada, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Santos, M. A. (1990). Caracterização das famílias de crianças com dificuldades de aprendizagem. *Arquivos da Prefeitura de São Paulo*, 10, 1-10.
- Shaw, D. S. & Emery, R. E. (1988). Children's adjustment to bereavement. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 16, 200-206.
- Soares, N. E. & Fernandes, L. M. (1989). *Problemas de aprendizagem na perspectiva socio-cultural*. Arquivos Brasileiros de Psiquiatria, 32, 11-18.
- Stormshak, E. A., Bierman, K. L., McMahon, R. A. & Patterson, G. R. (1994). Problems Prevention Research Center: A synthesis of findings from the first decade. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 22, 1-12.

Sobre as autoras

Marlene de Cássia Trivellato Ferreira é Psicóloga, Doutoranda em Psicologia pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo (USP).

Edna Maria Marturano é Psicóloga, Professora Titular do Departamento de Neurologia, Psiquiatria e Psicologia Médica da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto (USP). Livre-docente em Psicologia pela USP. Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Saúde Mental, Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto (USP). Pesquisadora do CNPq.